

# COMMERCIAL.

ANNO I.

NUMERO 36.

PROPRIEDADE DE — H. J. S. A. LOBÃO & COMP.

SABBADO 13 DE JUNHO  
DE 1868.

Assignatura 75 por anno, 45 por 6 meses, e 2500 por 3 meses ; com  
porte do correio 85, 55 e 3000.

## EXTERIOR.

### PARAGUAY.

Commando em chefe de todas as forças brasileiras e interino dos exercitos alliados em operações contra o governo do Paraguay. Quartel general em Pera-Cuê, em frente ao Humaitá, 14 de Maio de 1868.

Illm. e Exm. Sr.—Pela minha ultima correspondencia, que deve a esta hora ter chegado ás mãos de V. Ex., dei conta de se haver felizmente realisado a preliminar de meu plano de ataque ao Humaitá consistente na occupação por nossas forças do ponto no Chaco que fecharia completamente o sitio em que o inimigo se acha.

A importancia desse movimento tem sido reconhecida pelo mesmo inimigo, o qual tem envidado todos os esforços a seu alcance, para desalojar-nos da posição, podendo-se dizer que tantos tem sido os ataques que nossas forças tem alli soffrido e repellido, quantos os dias decorridos depois da mesma occupação.

A Ordem do dia que nesta data tenho a honra de remetter a V. Ex., contém os detalhes de todos esses ataques e combates, nos quaes tanto officiaes como soldados tem rivalisado em bravura e dedicação.

Resta-me participar a V. Ex. a ultima tentativa do inimigo, que no dia 8 do corrente deu ainda logar a um bello triumpho das armas alliadas, e por tal fórma desalentou o mesmo inimigo que de então para cá não tem mais apparecido, contentando-se em disparar com intervallos longos um ou outro tiro de canhão da fortaleza de Humaitá contra os pontos por nós occupados; mas que nenhum damno nos tem causado.

Tendo eu observado, na vesita que fiz ao Chaco, que o inimigo poderia querer aproveitar-se dos trabalhos de fortificação que a columna expedicionaria brasileira havia começado no ponto em que desembarcou, mas que abandonara, pela razão que já dei a V. Ex. em minha ultima correspondencia, e sabendo por noticias, que me chegarão que nessas fortificações havião já sido vistos alguns paraguayos, ou de dia ou de noite, ordenei ao brigadiero Jacintho Machado Bittencourt que mandasse proceder a arrasamento e destruição completa dessas fortificações, para o que lhe dei as necessarias instruções.

Se o inimigo pudesse lograr construir nesse ponto um reducto em que collocasse artilheria, nossa communicação fluvial com os pontos occupados pelas forças alliadas se difficultaria, apresentando obstaculos a ida de fornecimento a tropa, por não termos outros meios de conducção para tal serviço se não os monitores cujas toldas estreitas se não prestão ao transporte em quantidade dos differentes generos fornecidos, os quaes, alem disto, terião de passar descobertos e expostos ao tempo.

Cumprindo, pois, minhas ordens, fez o brigadeiro Jacintho Machado Bittencourt seguir uma columna composta do 7º batalhão de infantaria commandada pelo hoje tenente-coronel em commissão Genuino Olympio de Sampaio, e uma grande divisão do 14º batalhão para fazer o serviço de flanqueadores e de vanguarda, tendo-se a esta força reunido por ordem do general Rivas um batalhão argentino sob o commando do coronel Martines.

Esta força seguiu abrindo picadas até ao ponto pelo lado da costa, tendo sempre seu flanco esquerdo coberto pelos atiradores do 14º e collocando-se o 16º batalhão de infantaria, commandado pelo tenente-coronel Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, na mesma direcção intermediaria a este e aquelle ponto; e não só servindo de suporte aos trabalhadores empregados em des-cortinar o mato que cerca a fortificação de que acima fallei, como ao resto da força em caso de necessidade.

Mandou ainda o mesmo brigadeiro seguir embarcados em um encouraçado 50 praças do batalhão de engenheiros, igual numero de soldados de infantaria com a precisa ferramenta para os trabalhos de demolição.

Ao approximar-se a força, um monitor que bombardeara durante a noite para impedir a continuação dos trabalhos por parte do inimigo, fez um tiro que o obrigou a esconder-se nos fossos da trincheira; mas recebendo immediatamente uma descarga de fuzilaria que deu a força expedicionaria fugiu precipitadamente deixando a ferramenta, algumas armas e dous prisioneiros.

Pouco depois das 10 horas da manhã, e quando se havia já completado o arrasamento das fortificações, appareceu elle de novo com quatro batalhões de infantaria e dous corpos de cavalleria a pé, e travando nutrido fogo com o 7º batalhão de infantaria que com o seu commandante á frente os foi receber galhardamente, e bem assim com a grande divisão do 14º forão com-

pletamente derrotados e fugirão na maior desordem, deixando no campo 11 cadaveres.

Ao tempo em que a nossa força se batia neste ponto, e tão bizarramente, uma outra inimiga de 300 homens, pouco mais ou menos, de cavalleria e infantaria, appareceu sobre a esquerda com o intuito de nos atacar de flanco e cortar a retaguarda, mas, como a primeira, foi ella repellida e desbaratada pelo 16º batalhão de infantaria, tendo á sua frente o seu digno commandante o tenente-coronel Tiburcio.

O brigadeiro Bittencourt pela sua parte, faz honra á pericia, coragem e intrepidez desses dous bravos commandantes, e bem assim de outros cujos nomes farei chegar ao conhecimento de V. Ex. na ordem do dia respectiva.

Tenho grande satisfação em participar a V. Ex. que dous vapores da divisão avancada muito coadjuvarão nossa força expedicionaria, tanto na occasião do fogo, como quando o inimigo precipitadamente fugiu.

Tivemos 5 officiaes feridos e 9 praças mortas, incluindo-se nellas um sargento.

Deus guarde a V. Ex.—Illm. Exm. Sr. conselheiro João Lustosa da Cunha Parana-guá, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—*Marquez de Caxias.*

Commando em chefe de todas as forças brasileiras e interino dos exercitos alliados em operações contra o governo do Paraguay. — Quartel general em Pera-Cuê em frente ao Humaitá, 20 de Maio de 1868. —

Illm. e Exm. Sr.—Tendo chegado ao meu conhecimento que o vapor *Arinos*, que como paquete da esquadra, devia sahir no 30 do corrente mez para o Brasil, para ali segue amanhã em consequencia de haver encalhado no Paraná o vapor *Isabel* sahido a 15, aproveito a oportunidade para participar a V. Ex., que da data de minha correspondencia ultima até agora nenhum acontecimento notavel tem tido lugar, e que mereça expressa e singular menção.

O inimigo tem continuado por suas tentativas a demonstrar o golpe profundo, que recebera com a occupação do Chaco pelas forças alliadas; mas depois do ataque do dia 8 nenhum outro tem elle querido arriscar pela consciencia, que sem duvida tem, de que não faria com isso mais do que perder ainda algumas centenas de vidas inutilmente.

Deus guarde a V. Ex.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro João Lustosa da Cunha Parana-guá, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra.—*Marquez de Caxias.*



# TRANSCRIPÇÃO.

## O principio da autoridade.

O povo que melhor comprehender a liberdade será também aquelle que mais respeitará a autoridade; só gentes de todo desprovidas de conhecimentos sobre a organização das sociedades poderão crer que é prova de grande independencia de caracter escarnecer dos agentes de poderes constituidos, e insurgir-se contra os que pretendem manter a lei.

Que é a lei? Que é a autoridade? Nos paizes livres a legislação é um conjuncto de contractos entre os cidadãos que as compõem; contractos aceites pela sua vontade representada em instituições respeitaveis. A autoridade assegura a observancia d'esses contractos, pune aquelles que os não cumprem, e decide as controversias a que possam dar origem as diversas interpretações. Encaradas assim, a autoridade e a liberdade estão intimamente unidas, vivem na maior harmonia e são duas condições indispensaveis do progresso humano. Autoridade sem liberdade é despotismo, ou condemnação do espirito a não dar um só passo; liberdade sem autoridade é anarchia, ou ausencia de todo o bem a que os liames sociaes dão origem.

Venhão os maiores e mais experimentados sabios dar-nos leis; investiguem minuciosamente o estado do paiz; reformem como se foram omniscientes. Mas se a autoridade não for respeitada; se não houver corpos constituidos que garantam o cumprimento da lei; se os cidadãos, confundindo a nobresa e dignidade com a torpe licenciosidade, ousarem levantar mão sacrilega contra os principios fundamentaes da economia das sociedades a lei mais admiravel e perfeita será sem prestimo para o progredimento do povo a que foi dada. Que importará amontear artigos, dispor-os em boa ordem, corrigil-os, dar-lhes a mais philosophica ligação, subordinar-os a principios sublimes, se tudo será despresado ou tragoado pela furia da onda popular que as paixões impellem, e a insensatez faz subir até inundar o que ha de mais sagrado?

Um escriptor notavel resumia assim as suas idéas sobre este importante assumpto: « Que é a autoridade sem liberdade? E' a immobilidade absoluta da fórma social, uma diminuição enorme da força collectiva e emfim a consagração de uma justiça permanente. Que é a liberdade sem autoridade? E' a ausencia da sociedade; é o estado de guerra; é uma hypothese de tal modo absurda, que nem apresenta ao espirito uma idéa precisa. Portanto a liberdade e a autoridade são indispensaveis. A liberdade é o fim da sociedade porque é o direito e o interesse dos cidadãos que a compõem; a autoridade é uma condição da liberda-

de. A liberdade existe para si mesma; e a autoridade existe para que a liberdade possa existir.»

Cada homem tem direitos de que póde gozar, e deveres que é obrigado a cumprir. A natureza quiz que assim fosse. As leis escriptas suppreem a existencia delles, e regulão-os conforme as opiniões que a seu respeito vai tendo cada sociedade; a nação livre, que não venera os poderes que constituiu, a si mesma se deshonra, e manifesta que não sabe o que é ser livre; pois se não acatarmos os mantenedores das leis, se desobedecermos áquelles a quem conferimos o poder de vigiarem pela observancia d'ellas, se os repellirmos e insultarmos quando nos advertirem e cohibirem os nossos abusos, se pretender-mos transgredir impunemente o pacto a que nos obrigamos, se não tivermos fé na justiça e visarmos a arvorar a força brutal em poder supremo, onde ficará a nossa civilização? Onde a garantia da nossa existencia politica e social? Onde a tranquillidade publica e a confiança em que o producto do trabalho individual será para aquelle que o faz? Onde o estímulo ao industrial, ao commerciante e ao agricultor?

Tudo o que temos dito é intuitivo. Está a dizer-lo a experiencia de todos os dias. Se não houver segurança publica e respeito ás leis, não haverá vontade de economisar, nem de constituir empresas uteis. A sociedade empobrecerá de dia para dia. Que acontece em occasiões de guerras? Que é da cultura, das sciencias, do espirito de capitalisar, da florescencia das artes, do esplendor da litteratura, quando a sociedade receia q' as hostes inimigas talem os campos, arrasem fabricas e obriguem a população a abandonar a patria? Ora, a falta de respeito á autoridade é uma guerra continuada, embora não tenha esse nome.

Nós, que havemos escripto successivamente ácerca dos deveres da autoridade, não podemos deixar de lembrar agora os deveres do povo, como tantissimas vezes havemos feito. As nossas reflexões ácerca da ingerencia dos agentes do poder central nos negocios eleitoraes não apontão a desconceitual-os, nem ainda a combater o prestigio que convem que tenham; pelo contrario, quanto havemos escripto mostra que queremos a autoridade pura de toda a macula que possa vir do contacto com as facções, superior ás intrigas dos bandos, honrada e austera para que tal prestigio não falte, para que o desconceito não decorra fatalmente do seu proceder, e o povo se costume a reverencial-a como um reflexo dos seres sobrenaturaes.

A autoridade sem força é uma animação á desordem; a sua presença estimula a transgredir a lei em vez de inculcar receio; toma-se como ludibrio o que devia merecer a consideração de guia e mestre.

Alguns factos recentes provão que muitas pessoas não comprehendem o que é a autoridade; elles demonstrão também que o governo tem pouco a peito manter a tranquillidade publica.

O lugar mais concorrido da capital foi o theatro de scenas em que era protogonista o garoto, e motor a força bruta. Os folguedos de carnaval tomarão o aspecto de asquerosa anarchia. Defronte da casa do misterio do reino erão esbofeteados, insultados e contundidos todos os transeuntes sem respeito ao sexo, á idade ou a condição. O estrangeiro que alli passasse, e desconhecesse a terra diria que estava entre selvagens; e com tudo a capital tem governador civil, numerosa força armada, guarda municipal, agentes de policia, e uma população! A autoridade mandou affixar editaes prohibindo certos usos carnavalescos improprios de terras em que os habitantes não vivem sem lei. Em vez do socego restabelecido pela policia, houve insulto aos agentes della; houve até ferimentos graves. Se os que pretendião passar no Chiado se armassem e dessem tiros sobre tão infrene gente, o crime não seria da responsabilidade delles, mas sim das autoridades, que não sabião manter a sua posição, e sacrificavão talvez a policia civil, instituição utilissima, que não tem culpa na fraqueza do governo.

Felizmente, o carnaval portuense não deu lugar a tão lamentaveis occorrencias; houverão desordens extremamente insignificantes e a policia foi respeitada. E' triste que o povo da capital dê tão tristes exemplos ás outras terras; e ainda mais deploravel é que a autoridade não cohibisse immediatamente tantos e tão grandes abusos; ficaria bem o apparatus militar, e até o emprego da força, porque a autoridade não é feita para apparecer, soffrer insultos e fugir.

Ignoramos que justificação possam apresentar os Srs. ministro do reino e governador civil. Os acontecimentos forão de tal magnitude, as queixas são de tal ordem, e as circumstancias de tanta gravidade, que é summamente pesada a responsabilidade d'aquelles cavalheiros.

Do J. do C. do Porto.

## VARIEDADE.

### A desgraça.

« Você me diz:—Vamos, vamos...

Para onde havemos de ir?

Quem nasceu para a desgraça,

Para aonde ha de fugir?»

—Maria, vamos, Maria,

Por esses mundos d'alem,

Que nos persegue a desgraça...

Ferinas dôres também!

Vamos, vamos esconder-nos,

Onde não saiba ninguem.

—Você me diz—vamos, vamos...

Para onde havermos de ir?

Quem nasceu para a desgraça,

Para aonde ha de fugir?

—Nova terra, nova sorte...

Acharemos a ventura;



Com estes nove filhinhos  
Fujamos em noite escura...  
Que nos não veja a desgraça...  
Da flicidade em procura.

—Tenho fome, tenho sede...  
Para aonde havemos de ir?  
Os filhos sem roupa e carnes.  
—Maria, vamos fugir!

E fugiram... Pobres velhos,  
Por esses mundos d'alem,  
Com seus filhos tão magrinhos,  
E com seus trapos tambem:  
—Vamos, vamos esconder-nos,  
Onde não saiba ninguem.

—Descancemos... que desmaio...  
Para aonde havemos de ir?  
Morre o filho pequenino...  
—Maria, vamos fugir!

Caminharão toda a noite,  
Caminharão todo o dia...  
Sem alento... descançaram  
Quando o sol esmorecia...  
E virão, com sua trouxa,  
Feia velha que os seguia.

—Adeus, velha! Adeus, ó filho...  
—Para onde havemos de ir?  
—«Sou a Desgraça... fugistes...  
Com vosco quero fugir!

«Sempre em vossa companhia  
Por esses mundos d'alem;  
Outras penas vão na trouxa...  
Na trouxa prantos tambem:  
Vamos, filhos, não vos deixo...  
Ninguem me foge, ninguem!

—Voltemos, mulher?—Voltemos...  
Para onde havemos de ir?  
Quem naseu para a desgraça,  
Para onde ha de fugir?...

## NOTICIARIO.

—**Do Rio de Janeiro.**— Procedente da capital do imperio chegou no dia 8 do corrente o paquete a vapor *Guaporé*, que foi portador de jornaes eujas dactas alcanção até 6.

Nenhum movimento importante tivera alli occorrido.

Do Rio da Prata chegára o vapor oriental *Uruguay* que trouxe dactas do exercito até 21.

Trabalhava-se com actividade em um carril no Chaco para manter as communições pela frente de Curupaity.

Um paraguayo prisioneiro no Chaco fizeira estas declarações.

“ Que Lopez reúne suas forças em Tabiquary para atacar o exercito alliado, de combinação com a guarda do Humaitá.

“ Que dirigiu uma proclamação espartana ao povo paraguayo, na qual expõe francamente a sua situação e convida a morrer pela patria, antes do que ser escravo dos brasileiros.

“ O estado sanitario do exercito é regular se bem que o chucho (febre intermitente)

ainda faça estragos alli. O tempo conservava-se duvidoso.

“ Entre os mortos paraguayos do combate, que teve lugar no dia 8 no Chaco, encontrou-se uma mulher velha vestida de homem, que cahira morta por uma bala ao lado de um moço de 16 annos, pouco mais ou menos. Suas mãos interieçadas pela agonia parecião querer abraçar o morto, que provavelmente seria seu filho. Este apertava a espingarda com um braço e com o outro cingia o pescoço da anciã! O sangue de ambos formava uma lagôa. , ,

Noticiava um telegramma de Buenos-Ayres datado de 26, que havia receio de um ataque dos paraguayos sobre S. Solano de combinação com as forças de Humaitá, ficando evacuada esta fortaleza em cuja direcção tinham sido vistos 500 paraguayos.

A' camara dos deputados em Buenos-Ayres apresentara Quintana um requerimento pedindo que o governo dêsse conta do estado da guerra, emprego, facultades, estado de sitio e pagamento do exercito.

Um telegramma dava como definitiva-mente regulada a convenção entre Urquiza e Alsina, e que Pena fôra eleito governador proprietario de Cordova.

Segundo outro telegramma, verificára-se a submissão de Maximo Perez com sua gente.

A situação economica do Rio da Prata estava ameaçada de uma crise monetaria, e reinava na população o receio, predominando a idéa de suspender-se o curso forçado,

Lê-se no *Mercantil del Plata* :

«A viuva do general Flôres apresentou-se ás camaras pedindo a derogação do decreto, pelo qual foi expatriado seu filho Fortunato.

Em Corrientes fôra assassinado em sua casa D. Juan B. Lagrana,, attribuindo-se este attentado a Caeres.

—**Quantos Deuses ha?**— João, quantos Deuses ha?

—Dous.

—Como é isso?

—Um é o Deus que todos os christãos adoramos, o outro sou eu.

—Não blasphemes, homem.

—Vá pergunta-lo a minha mulher que sempre ao levantar-se e deitar diz : « Com Deus me deito e com Deus me levanto... »

—**Museo nacional.**—Acaba este estabelecimento de receber do Sr. Bernardo Pinto de Oliveira, da côrte, um tigre da America, (*Felis onça Lin*) que apesar de estar bem longe de haver attengido todo o desenvolvimento proprio da idade adulta dos animaes da mesma especie, já faz sentir todavia a ferocidade e a altivez que tornão tão temiveis estes respeitaveis habitantes de nossas matas primitivas.

O lindo animal offerecido pelo Sr. Oliveira foi apanhado ultimamente nas matas do districto de Paranaguá, sobre o littoral da provincia do Paraná.

Agradecendo sobremaneira a lembrança deste senhor, o museo nacional promette expor dentro em poucos dias aos olhos do

publico da côrte, bem que pequeno ainda, o mais bello, o mais activo, e, ao mesmo tempo, o mais feroz representante da fauna brasileira.

—**Poesia.**— Foi remettida ao *Echo do Sul* a seguinte e bonita poesia do theatro da guerra :

**MISERIAS DO SOLDADO EM CAMPANHA.**

Nas trêvas do viver eu me desterro,  
Esfoldadas as crenças—bem unido  
Ao cadaver das minhas esperanças,  
O coração em lagrimas transido.

(Barros Junior.)

Da patria longe, nos vai-vens da guerra,  
Contemplo scenas, que causão dó!  
De tanto bravo, que o Brasil não sabe  
Vai-se a memoria revolver no pó!

Pobre o soldado, que julgou ser livre,  
Livre vingando do estrangeiro o insulto;  
Se escravo infame não se curva a tudo,  
Commiette um crime que não tem indulto!

Escravo sempre na cruenta lida,  
Por mais que faça, não merece—é pouco!  
Quando enfeitados de commenda ao peito  
Vê-se um covarde, um desgraçado, um louco!

Se accaso ao rufo do tambor concita  
Ao fogo, ás armas destemidos bravos,  
Agora sim!—é ao correr do sangue,  
Que a patria exige de quem trata escravos.

Combatem lutão, dando a propria vida  
P'ra patria d'arem lo triumpho, a gloria,  
Quem diz que o bravo mereceu na lida?  
Quem diz que o bravo conseguiu victoria?

A' forma voltão, ao trabalho insano,  
Que aos chefes cabe decantar acções:  
E em breve voa nos annaes da fama,  
A fama excelsa dos « herões mandões. »

Não vé, talvez, que da bombardaria imiga,  
Nem nos ouvidos lhe morresse a voz!  
Nó pó sepultão tanto nome egregio,  
« Só elles forão no combate herões !

E n'esse dia, que de festa chamão,  
Que só de festas para quem tem galões,  
Nos leitos gemem retorcendo em dores,  
Victimas tantas de infernaes canhões!

No campo exangue, mutilado, morto,  
Tanto soldado, que morreu vencendo!  
E quanto pranto n'esse instante horrendo  
Pais, mãis, viúvas não estão vertendo!

E a patria, á patria por quem só morrerão,  
Nem manda almas sufragar ao menos!  
São actos esses que convém aos grandes,  
Nunca aos soldados—porque são pequenos.

Forão p'ra ella a salvação, o arrimo  
No opprobrio infame de infamante imigo,  
Hoje as familias que a miseria opprime,  
D'ella não achão salvação no p'rigo!

Longe da patria, nos vai-vens da guerra  
Lastimo scenas que me causão dó!  
A liberdade vejo em luta, em trevas!  
O despotismo dominando só!

A. M. L.

—**Vá a pedra a quem tóca.**—A redacção do *Mercantil* acaba de fazer uma inexacta apreciação quando disse que os seus collegas da imprensa tinham levantado grande celeuma por occasião da emissão de cartões em troco. Quanto á nós que fomos quem tratamos desse assumpto prolixamente e em favor dessa medida, cabe-nos o dever de protestar contra essa apreciação, pedindo ao collega que quando tenha de tratar de assumptos desta ordem, procure sempre o mais que fôr possível a se aproximar á verdade.



—**Embarque.** — Embarcou e seguiu para a Côte no vapor *Gerente*, no dia 5 do corrente mez, o Sr. Dr. Delphino Augusto Cavalcanti de Albuquerque, Juiz de Direito da comarca d'esta Capital.

Magistrado íntegro e justiceiro, homem lhano e affavel, o Sr. Dr. Delphino fez-se credôr da estima e consideração de seus comarcãos no pouco tempo que residio entre nós.

—**Monitor Santa Catharina.** — Lê-se na *Revista Commercial* de Santos.

« Acha-se no porto de Santos o pequeno vapor de guerra *Santa Catharina* recentemente cahido ao mar dos estaleiros do Rio de Janeiro, e que tendo soffrido um forte temporal, indo de viagem para o sul com destino á esquadra, teve de arribar áquelle porto.»

—**Passagem embargada.** — Achan-do-se no Rio de Janeiro e abordo do paquete *Gerente*, no qual devião seguir para o Rio da Prata, os filhos do finado general D. Venancio Flores, foi-lhes pela repartição da policia embargada a passagem.

—**Nomeação.** — Foi nomeado capitão secretario geral de commando superior da guarda nacional da capital, o alferes Ludovino Aprigio de Oliveira.

**Anagramma.** — No *Progressista* jornal que se publica em Maceió, lê-se o seguinte e curioso anagramma :

ANTONIO MOREIRA DE BARROS.

*Substantivos.*

Morte, enredo, trama, demonio, satan, sarna, bomba, asno, rabo de asno, birbante, raio, barbaro, besta, sarro, damno, mentira, rabia, ira, borra, medroso, sorna, matreiro, marasmo, mono, birrento, rato.

*Adjectivos.*

Enredador, mentiroso, ratoneiro, damnado, matador, traidor, berrador, rosnador, miador, mamador.

*Verbos.*

Sorrabar, (adular com baixesa) rosnar, mamar, berrar, mentir, trahir, matar, arazar, danñar, desmontar, tramar.

N. B. Dos nomes — Antonio Moreira de Barros — compõe-se o nome execrando de *Bernardo Berro*, chefe dos blancos, assassino de Flores, representante feroz do maçooca oriental, eacarnigado inimigo da situação politica do paiz, alliado de Solano Lopez: feito em postas pelo pove, nas ruas de Montevideo aos 19 de Fevereiro do anno da graça de 1868!

—**Hospede agosto.** — De passagem no paquete americano *Merrimach*, chegou ao Rio de Janeiro Sua Alteza o principe Philippe Saxe Coburgo, irmão de Sua Alteza o Sr. duque de Saxe,

Apenas recebeu participação da chegada de seu augusto irmão, Sua Alteza o Sr. duque dirigiu-se ao arsenal de marinha, onde o recebeu, seguindo em sua companhia para o paço de S. Christovão.

—**Primeira pedra de um edificio imperial.** — Pouco depois dos dias

da revolução em Junho de 1868, em França, um homem, ainda joven, elegantemente vestido e acompanhado por um criado, chegou a Pariz pelo caminho de ferro do norte.

Em uma das ultimas estações deixou o trem, tomou uma carruagem e dirigiu-se á barreira do Throno, tinha-lhe a idéa de entrar a pé na capital pelo arrabalde de Santo Antonio, o mais revolucionario de Pariz, para poder avaliar melhor as desordens causadas pela terrivel insurreição que acabava de ser reprimida.

Não tardou em encontrar um magote de trabalhadores de ambos os sexos occupados no assento das pedras que tinham sido levantadas para a construcção das barricadas. Mal havia dado alguns passos contemplando aquella scena com curiosidade, quando uma velha lhe disse:

« Oh senhor das luvas amarellas, se nos ajudasse a assentar estas pedras e a pôr as cousas em ordem, faria melhor do que perdendo o tempo a passear.

« Tem razão, respondeu o desconhecido sem alterar-se. Já agora, venho expressamente para restabelecer a ordem e pôr cada pedra no seu lugar.» Disendo isto, tirou as luvas, e dando-as ao criado, juntamente com a bengala, abaixou-se, pegou em uma pedra e pô-la em fileira com as outras. Depois continuou o seu caminho, disendo adeus á velha que o vio retirar-se não pouco assombrada.

Esse homem era o principe Luiz Napoleão hoje imperador. Foi assim que no arrabalde de Santo Antonio, no meio de alguns trabalhadores, se assentou a primeira pedra do edificio imperial.

—**Um general brioso** — O general Junot, n'um acesso de cholera atacou um subalterno, pegando n'um pau para elle por uma leve falta de disciplina.

O official sem se poder conter, puchou por uma pistolla e disparou.

Felizmente a pistolla não deu fogo.

O general então com o maior sangue frio disse:

— Senhor official recolha-se preso ao seu quartel, por tres dias, para outra vez trazer as suas armas bem preparadas.

#### PUBLICAÇÕES SOLICITADAS.

##### SONETO.

Eu sou o teu cantor, Ismenia bella,  
Que vago errante neste chão de dores,  
Esperanças não tenho nos amores,  
Minha lyra morreu, diva donzella.

Eu quero a morte já — que venha ella  
Terminar os meus dias sem fulgores!  
De que serve eu amar sem ter as flores,  
Sem ter ao menos divinal estrella?

Tenho o peito á ferver — trago na mente,  
O teu nome, gentil, pomba mimosa...  
Eu sou ente infeliz — um padecente!

Tem pena do cantor que geme e sente,  
Tanta dôr, tanta dôr que roe maldosa  
As fibras de minh'alma incandescente.

## COMMERCIO.

### PAUTA SEMANAL.

Preços dos generos sujeitos á direitos de exportação.

Semana de 6 á 13 de Junho de 1868.

Agoardente	Canada	640
Algodão em caroço	Arroba	42800
Amendoim com casca	Alqueire	15300
Arroz com casca	»	25400
Dito pillado	Sacco	125000
Assucar branco	Arroba	57900
Mascavo	»	25000
Refinado	»	58120
Batatas alimenticias	Alqueire	37000
Café chumbado	Arroba	77000
Em casquinha	»	57900
Casca grossa	Sacco	85000
Pó	Libra	500
Polvilho ou gomma	Alqueire	32000
Cal	Moio	255000
Couros de boi secos	Libra	220
Salgados	»	100
Farinha de mandioca	Alqueire	12450
Dita de milho	»	25400
Feijão	»	15920
« Ordinario	»	42800
Fumo em folha bom	Arroba	62000
Matte ou erva matte	Arroba	25400
Mél ou melaço	Canada	360
Milho em grão	Alqueire	12500
«	Mãos	400
Pranções de ariribá		
até 20 palmos	Duzia	305000
« Para mais, idem	Duzia	405000
« Sedro ate 20 palmos	»	265000
Para mais	»	305000
Canella preta		
« ate 20 palmos	»	165
Para mais	»	20500
Guaruba até 20 palmos	»	135000
« Para mais	»	165000
Oleo até 20 palmos	»	115000
« Para mais	»	155000
Portadas de qualquer		
madeira	Uma	57000
Ripas de gissara	Cento	42000
Gissaras inteiras	Uma	800

## ANNUNCIOS.

### ATTENÇÃO.

**N**A padaria Franceza, sita no largo de Palacio n. 9, ha sempre á venda excellentes roscaas, biscoitos, bolaxinhas e pão de primeira qualidade.

**P**ELO vapor *Gerente* recebemos um grande sortimento de todos os objectos de pintura, desenho e escriptorio como

Estojos mathematicos.

Caixinhas de tinta.

Lapis de Faber.

Borracha, & &

Como tambem uma quantidade de estampas finas, e muitos brinquedos para creanças.

Schwarzer & Rohlacher.

RUA DO PRINCIPE N. 10.

Typographia do «Commercial» — 1868.